

**O PERCURSO DO(S) SENTIDO(S) EM
“FELICIDADE CLANDESTINA”, DE CLARICE LISPECTOR**

Dagmar Vieira Nogueira Silva (UFMS)

dagmarvns@hotmail.com

RESUMO

Compreender e decifrar o sentido de um texto vai além de sua leitura e da interpretação das escolhas linguísticas apresentadas pelo enunciador na composição textual. É necessário atentar-se para os detalhes e as relações sintático-semânticas contempladas por essas escolhas em níveis de análise distintos. Dessa forma, neste artigo, busca-se verificar, à luz da teoria da semiótica discursiva, como o modelo do percurso gerativo contribui para a construção do sentido, revelando as estratégias discursivas envolvidas nas composições dos conteúdos temáticos e figurativos dos atores, espaços e tempos. Diante dessa perspectiva, objetiva-se, no presente estudo, realizar uma análise do texto, examinando os três níveis mensurados pelo percurso gerativo – fundamental, narrativo e discursivo, e observando-o sob diferentes aspectos internos e externos, desde as estruturas profundas até as superficiais. O suporte textual eleito para essa imbricação entre a semiótica e a literatura é o conto “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector (1998). Como fundamentação teórica, buscam-se esclarecimentos nas obras de Bertrand (2003), Greimas (2002), Benveniste (1989), Nunes (1995), Barros (1990; 2002), entre outros autores, precursores e contemporâneos dessa ciência da linguagem.

Palavras-chave:

Conto. Figurativização. Semiótica. Sentido. Discurso literário.

ABSTRACT

Understanding and deciphering the meaning of a text goes beyond its reading and the interpretation of the linguistic choices presented by the enunciator in the textual composition. Attention should be paid to the details and syntactic-semantic relations contemplated by these choices at different levels of analysis. Thus, this article seeks to verify, in the light of the discursive semiotics theory, how the generative path model contributes to the construction of meaning, revealing the discursive strategies involved in the composition of the thematic and figurative contents of the actors, spaces and times. Given this perspective, the aim of this study is to perform an analysis of the text, examining the three levels measured by the generative path – fundamental, narrative and discursive, and observing it from different internal and external aspects, from deep structures to superficial. The textual support chosen for this intertwining between semiotics and literature is Clarice Lispector’s short story “Felicidade Clandestina” (1998). As theoretical basis, we seek clarification in the works of Bertrand (2003), Greimas (2002), Benveniste (1989), Nunes (1995), Barros (1990; 2002), among other authors, precursors and contemporaries of this language science.

Keywords:

Figurativization. Tale. Semiotics. Sense. Literary discourse.

1. Introdução

A compreensão do mundo, nas diversas áreas do saber, se dá por meio da língua e através da linguagem, concretizada na fala dos sujeitos. Desse modo, o registro da linguagem e de seus distintos acontecimentos linguísticos constitui-se como um *corpus* representativo dessa faculdade, essencialmente humana, de se comunicar por meio de códigos, desdobrados a partir de suas percepções sensoriais, levando à interação e expressão de ideias e pensamentos.

Destarte, concebe-se a língua, conjunto abstrato de signos linguísticos, e a linguagem, “expressão humana de movimentos interiores da alma e da visão de mundo que os acompanha” (HEIDEGGER, 2003, p. 14), como elementos indispensáveis de construção do mundo e ferramenta de interação social, respectivamente, postos em uso por meio do mecanismo da fala.

Ferdinand Saussure, importante precursor dos estudos linguísticos, estabeleceu, em seu *Curso de linguística geral* (1913), a diferença entre língua (*langue*) e fala (*parole*). Posteriormente, Benveniste (1989) mostrou que a língua, outrora definida por Saussure, é processada na fala, em um ato individual e concreto, sintetizando, dessa forma, que “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (1989, p. 82). O registro desse sistema converte-se em composições verbais formadoras dos textos, manifestação de um ou mais discursos, fruto do saber pensado, construído e/ou transformado pelo homem, com diferentes finalidades e necessidades.

Para uma abordagem mais direcionada ao propósito deste artigo, apontam-se algumas concepções de textos que aqui interessam:

A primeira concepção de texto, entendido como *objeto de significação*, faz com que seu estudo se confunda com o exame dos procedimentos e mecanismos que o estruturam, que o tecem como um “todo de sentido”. A esse tipo de descrição tem-se atribuído o nome de *análise interna ou estrutural do texto*. Diferentes teorias voltam-se para essa análise do texto, a partir de princípios e com métodos e técnicas diferentes. A semiótica é uma delas.

A segunda caracterização do texto não mais o toma como *objeto de significação*, mas como *objeto de comunicação* entre dois sujeitos. Assim concebido, o texto encontra seu lugar entre os objetos culturais, inserido numa sociedade (de classes) e determinado por formações ideológicas específicas. (BARRROS, 1990, p. 7) (grifos da autora)

Essas concepções revelam o caráter social, intersubjetivo e dialógico dos textos, e dentre eles, encontra-se o texto literário, que “não nas-

ce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características; não é por acaso que ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes”. A literatura é, assim, um vasto campo do saber representativo e das experiências sensoriais e estéticas, campo que “nos enriquece infinitamente” (TODOROV 2009, p. 22).

Lembra-se ainda que a literatura é “um lugar privilegiado para a investigação a respeito do universo de sentidos nos quais, cotidianamente, os indivíduos se veem imersos” (MARTINS, 2017, p. 97), ou seja, os textos literários são, uma ampla seara para estudos e reflexões a respeito das relações humanas.

Mas como compreender os textos, em especial os literários, suas proposições e sentidos? Como a linguagem se organiza e se estrutura na tessitura textual, na representação dos “discursos vividos”?

Tais indagações fomentam o estudo e a compreensão dessa faculdade humana, representativa das experiências sensoriais, estéticas, sociais e discursivas entre os falantes. E, na esteira dos estudos discursivos, encontra-se a semiótica, ciência da significação, fundamentada em conceitos propostos por Saussure e Hjelmslev, que se fundamenta em fontes linguísticas, antropológicas e filosóficas, para analisar os efeitos decorrentes das escolhas da instância da enunciação e, assim, (re)construir o sentido do texto.

Por essa perspectiva, tal ciência instiga o leitor do objeto discursivo (o texto) a exercitar olhares mais atentos e cuidadosos às escolhas dos elementos linguísticos que o compõem, observando, à luz do modelo semiótico, as manifestações temáticas e figurativas, além dos efeitos de sentidos instaurados a partir dessas escolhas. Nas palavras de Diana Luz Pessoa de Barros (2002, p. 13), a semiótica “não toma a língua como um sistema de signos e sim como um sistema de significações, ou melhor, de relações, pois a significação decorre da relação”.

Dessa forma, ela permite a (re)construção dos sentidos por meio da observação das relações sintático-semânticas que sustentam e organizam os textos. Barros, ainda observa que o “texto para ser explicado, precisa ser desbastado dos efeitos de sentido aparentes. Sob a aparência, busca-se a imanência do discurso; sob a máscara, as leis que o produzem” (2002, p. 14). Assim sendo, conclui que a construção do sentido vai da imanência à aparência, apontando o que foi categorizado pelo semiotista lituano, radicado na França, Algirdas Julien Greimas, como percor-

so gerativo de sentido.

Greimas, leitor atento dos textos literários, analisa esses objetos discursivos, valorizando sua beleza e grandiosidade e descrevendo-os em níveis distintos, do mais profundo ao superficial e vice-versa. Nessa análise, instiga a sensibilidade do interlocutor do texto, por meio dos sentidos, radicados na visão, audição, olfato e sensações táteis e gustativas que constituem a experiência humana.

Com base nos postulados greimasianos relacionados à produção de sentido e em estudos dos referenciais teórico-metodológico de autores como Benveniste (1989), Nunes (1995) e Martins (2017), entre outros, envolvendo as categorias figurativas, neste artigo, são efetuadas breves análises discursivas, com reflexões sobre o parecer do sentido, tendo como suporte literário “Felicidade clandestina”, conto de Clarice Lispector.

Diante disso, buscando amparar o leitor em relação ao objeto analisado e tornar mais claras as observações sobre a figuratividade do tempo, do espaço e dos atores no conto, além das figuras que irão revestir os temas, apresenta-se, no próximo tópico, uma breve síntese da narrativa de Lispector.

2. “Felicidade clandestina” em foco

“Felicidade clandestina” é um conto publicado em 1971, com mais vinte e cinco outras narrativas de Clarice Lispector, no livro de mesmo nome. Narrada em primeira pessoa, a história coloca em cena duas meninas e um objeto literário, o livro “As reinações de Narizinho”, de Monteiro Lobato, em um palco familiar à autora da obra, a cidade de Recife.

A narradora-protagonista (doravante denominada NP) busca, sucessivamente, emprestar um livro de uma colega, filha do dono da livraria. Porém, mesmo não tendo lido e nem desejando ler a obra, a dona do livro não atende ao pedido, dizendo que o livro encontra-se emprestado, e ainda brinca com os sentimentos da NP, por meio de sucessivas promessas de um futuro empréstimo.

O conflito só é solucionado quando a mãe da antagonista percebe a presença da NP diariamente à sua porta, e toma conhecimento da razão de suas visitas. Atende, então, a seu pedido, revelando ainda que o livro sempre estivera de posse de sua filha.

Sem nomear os personagens no conto, favorece o enriquecimento do enredo a presença de elementos que apontam para a aproximação da enunciação com o espaço do enunciado – a cidade de Recife – e as possíveis experiências ali vivenciadas, em um tempo outrora, o que, no desfecho da história, sugere uma espécie de recordação da NP.

3. *Algumas considerações teórico-metodológicas sobre a produção do sentido*

O percurso gerativo de sentido é um modelo semiótico de análise do discurso, concebido em diferentes níveis, estruturados por componentes semânticos e sintáticos, que visa a apreciar o texto e suas interdependências. Diante dessa concepção, os semioticistas observam o texto buscando depreender a construção do sentido, estabelecido por suas estruturas composicionais.

Para Denis Bertrand, a semiótica discursiva se “interessa-se pelo ‘parecer do sentido’, que se apreende por meio das formas da linguagem, mais concretamente, dos discursos que o manifestam, tornando-o comunicável e partilhável, ainda que parcialmente” (2003, p. 11). Assim, pode-se dizer que ela não se preocupa com o sentido em si, mas sim com o modo como ele é construído no discurso.

José Luiz Fiorin, estudioso da semiótica no Brasil, afirma que o percurso gerativo do sentido “é uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetíveis de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido” (2002, p. 17). Por essa ótica, compreende-se que o leitor deve fazer, diante do texto, abstrações que o conduzam à compreensão desse objeto discursivo.

Em Barros (2002), ratifica-se a noção de percurso gerativo como fundamental para a teoria semiótica, e salienta-se que o processo de construção de sentido e da concepção do discurso resulta de uma escolha de um percurso determinado, e não de outro. Desse modo, percebe-se o quanto importante é o exame das escolhas efetuadas na instância da enunciação, e o quanto essas escolhas incidem na construção do sentido do texto e no processo de significação das relações sintático-semânticas.

A autora, de forma didática, explica ainda o modelo do percurso gerativo do sentido, descrevendo suas etapas por meio de conceitos vinculados ao que ela denomina como estruturas:

O nível semiótico comporta três etapas julgadas necessárias para a clareza da explicação do percurso: a das estruturas fundamentais, instância mais profunda, em que são determinadas as estruturas elementares do discurso, a das estruturas narrativas, nível sintático-semântico intermediário, e a das estruturas discursivas, mais próximas da manifestação textual. São lugares diferentes de articulação do sentido, que pedem a construção, no interior da gramática semiótica, de três gramáticas – fundamental, narrativa e discursiva –, cada qual com dois componentes, ou seja, uma sintaxe e uma semântica. (BARROS, 2001, p. 15)

A construção do sentido é, com base nessas concepções, uma forma de enxergar o texto, organizado e estruturado pelos elementos constituintes do texto narrativo que se configuram na enunciação discursiva, por meio da figurativização e da tematização. Todos esses conceitos envolvem e estão diretamente ligados à língua e a linguagem, suas representações e englobam a construção a construção do sentido.

Para além dessas concepções teóricas relacionadas ao exame semiótico do texto, vale considerar algumas observações sobre o parecer do sentido, amparadas em razões outras que se valem das experiências sensoriais e de acontecimentos em que se revela o sentido do sentido.

Considerando uma questão organizacional para este artigo, pontuam-se os níveis pensados por Greimas, no modelo do percurso gerativo do sentido, em *Felicidade clandestina*.

4. O nível fundamental

A análise do discurso no nível denominado por Greimas, como fundamental, considera as oposições semânticas e, nesse conto, “Felicidade clandestina”, elas orbitam em torno da categoria identidade *versus* alteridade. As diferentes acepções das significações dessa oposição semântica é assinalada pelo lexicógrafo Caldas Aulete (versão *on-line*) da seguinte forma:

(i.den.ti. da. de) sf.

4. Conjunto de características próprias de uma pessoa, um grupo etc. que possibilitam a sua identificação ou reconhecimento [...]
(al.te.ri.da.de) sf.

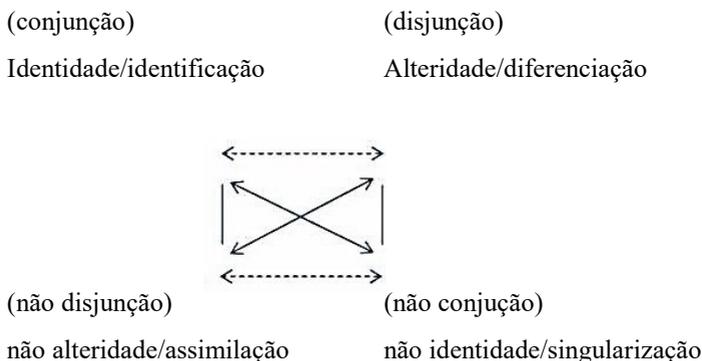
1. Qualidade ou natureza do que é outro, diferente.

O quadrado semiótico²⁶⁵ em “Felicidade Clandestina” é edificado

²⁶⁵ **Quadrado semiótico**: modelo lógico de representação da estrutura elementar, que a torna operatória. No quadrado representa-se a relação de contrariedade ou de oposição entre

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

em razão da oposição semântica identidade *versus* alteridade, definidas conforme Aulete (versão online). Dessa forma, configura-se a seguinte disposição para tais termos semanticamente opostos:



Esse quadrado semiótico evidencia as ideias contraditórias pertinentes as significações dos termos identidade *vs* alteridade, por meio dos seus respectivos traços semânticos específicos, apontados, na imagem, por setas transversais. Esses traços vão se revestir no decorrer do texto em euforia²⁶⁶ (valores positivos) e disforia²⁶⁷ (valores negativos) e serão identificados de acordo com os elementos do nível profundo.

Diante desses conceitos, observa-se que essa oposição semântica, manifestada de várias formas no conto, é desenvolvida com base no que se concebe como padrões de beleza, que valoriza o corpo magro, esguio, cabelos lisos, etc., como em: “Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados [...] / nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres”[...], sugerindo

os termos e, a partir dela, as relações de contradição e de complementaridade. (BARROS, 1990, p. 84-5) (grifo da autora).

²⁶⁶ **Euforia:** um dos termos da categoria tímica *euforia vs. disforia*, categoria que determina as categorias semânticas. A euforia estabelece a relação de conformidade do ser vivo com os conteúdos representados. (BARROS, 1990, p. 87) (grifo da autora)

²⁶⁷ **Disforia:** um dos termos da categoria tímica *euforia vs. disforia*, categoria que modifica as categorias semânticas. A disforia marca a relação de desconformidade do ser vivo com os conteúdos representados. (BARROS, 1990, p. 87) (grifo da autora)

a de ideia pessoas inocentes e outras diabólicas: “O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico.” [...], ou ainda, relacionados à condição econômica, *status* social: “Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa”, consolidando a construção do sentido evidenciada nas descrições figurativas dos sujeitos e espaços da narrativa.

Esses elementos são categorizados no primeiro patamar do percurso gerativo do sentido, o das estruturas profundas, onde se encontram as camadas subjacentes ao enunciado, ligadas aos procedimentos sintático-semânticos da narrativa que conduzem ao processo de significação.

No próximo item, observam-se as estruturas sintático-semânticas do nível narrativo, patamar em que as transformações são orientadas pelas ações dos sujeitos no desenrolar do percurso narrativo.

5. O nível narrativo

Para melhor compreensão do modelo gerativo, a primeira distinção a ser feita sobre o eixo narrativo é que o termo narrativo não deve ser confundido com o termo narratividade, pois o primeiro caracteriza um tipo textual, já o segundo se faz presente em todos os textos. A narratividade, então, está diretamente ligada ao plano do discurso.

Já, o nível narrativo, no percurso gerativo do sentido, compreende uma sintaxe caracterizada por conjunções e disjunções entre sujeitos e objetos.

Em “Felicidade clandestina”, considera-se um sujeito, denominado nesse nível como actante, que, diante de uma relação fundamentada inicialmente na confiança, acredita que irá receber o objeto desejado daquele que, no conto, atuará como antissujeito, compreendido como antagonista, que não se sente obrigado a atender o desejo da NP:

O sujeito do estado pensa poder contar com o sujeito do fazer para realizar suas esperanças ou direitos, ou seja, atribui ao sujeito do fazer um /dever-fazer/. Não se trata, na maior parte das vezes, de contrato verdadeiro e sim de contrato de confiança, um pseudocontrato ou contrato imaginário. Dessa forma, o sujeito do fazer não se sente obrigado a fazer, já que sua modalização deontica não passa de produto da imaginação do sujeito do estado. (BARROS, 2002, p. 63)

A expectativa do sujeito de estado, reconhecido no nível narrativo como de natureza actancial – a NP, é quebrada, o que demonstra certa inocência desse sujeito, por acreditar na possibilidade do empréstimo, es-

tabelecendo, ainda que no imaginário, um contrato fundamentado na confiança com o sujeito de fazer actancial – a antagonista.

As ações entre sujeito de estado e sujeito de fazer conduzem um programa narrativo, no que Barros (1990, p. 23) classifica em dois tipos fundamentais, o programa de *competência* e o de *performance*:

critérios	(a)	(b)	(c)	(d)
<i>competência</i>	aquisição	Programa de uso	Valor modal	Sujeito do fazer e sujeito do estado realizados por atores diferentes
<i>performance</i>	aquisição	Programa de base	Valor descritivo	Sujeito do fazer e sujeito do estado realizado pelo mesmo ator

Em “Felicidade clandestina”, acontece estado de disjunção e conjunção com a NP em relação ao objeto-valor, livro, fruto das transformações operadas pelo antissujeito e pela própria NP. Ao manipular o sujeito de estado, o antissujeito realiza seu plano, fazendo com que a NP acredite em seu discurso e realize a *performance* de ir atrás do objeto-valor; afinal, ela é dotada de uma competência modal, ou seja, pode executar a ação prevista pelo antissujeito.

O desfechado conto acontece quando a mãe do antissujeito aparece e atende ao desejo da NP, provocando a conjunção/felicidade desse sujeito, após longa espera.

Diante desse evento, passa-se de um sujeito decepcionado a um sujeito feliz. A conjunção entre o sujeito de estado e o objeto, livro, fora concretizada, provocando a felicidade clandestina.

Dentre as definições do termo clandestino²⁶⁸, a que melhor se aproxima da construção do sentido proposta pelo conto é a primeira, “que se faz ou realiza ocultamente” (AULETE, versão *online*), pois a NP projeta esse sentido no seguinte discurso:

²⁶⁸ (clan.des.ti.no) a.1. Que se faz ou realiza ocultamente, em segredo, ger. com caráter ilícito encontro clandestino; aborto clandestino) (AULETE versão *on-line*).

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. (LISPECTOR, 1998, p. 10)

Ao esconder o livro de si mesma, para achá-lo após algum tempo, ela prolonga a felicidade dessa conjunção. O acontecimento de, finalmente, conseguir emprestado o livro provoca um sentimento de estesia, verificado na passagem: “Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo”, ou seja, um acontecimento extraordinário realiza-se, depois de um longo período de sofrimento. A NP, nesse sentido, constrói uma espécie de paradoxo, “a espera do inesperado”, uma expressão refletida na obra de *Da imperfeição*, de Greimas (2002), ou seja, a NP constrói um momento de estesia, uma condição emanada pelo sentir capturado diante do objeto-valor.

O encadeamento das ações dos sujeitos, compreendidos no nível intermediário, perfaz o programa narrativo, evidenciando as transformações dos sujeitos/actantes no percurso. A seguir, observa-se o último nível do percurso, em que as figuras revestem os temas dessa camada superficial do texto.

6. O nível discursivo

A última etapa do percurso gerativo de sentido analisa camadas discursivas, como a figurativização e a tematização. Esse componente está ligado ao modo como o leitor experiencia à presença das categorias – pessoa, espaço e tempo – por meio dos sentidos. Dessa forma, apoia-se na capacidade que os elementos figurativos têm de aguçar seu sistema sensorial.

Nesse nível das estruturas discursivas, os sujeitos, outrora tratados como actantes no nível narrativo, são recobertos por uma nova roupagem – atores. Conforme Barros (1990, p. 11) “As estruturas discursivas devem ser examinadas do ponto de vista das relações que se instauram entre a instância da enunciação, responsável pela produção e comunicação do discurso, e o texto-enunciado”. Para tanto, é necessário observar as figuras que recobrem os temas e a própria construção figurativas dos atores.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Para Bertrand, a dimensão figurativa do discurso é representada na literatura por meio de relações que o leitor consegue estabelecer em razão de semelhança e de correspondência. Salienta esse autor ser a *mi-mesis* essa dimensão,

[...] que se interessa pela maneira como se inscreve o sensível na linguagem e no discurso, ou seja, basicamente a percepção e as formas da sensorialidade. Essa dimensão figurativa da significação, a mais superficial e rica, a do imediato acesso ao sentido, é tecida no texto por isotopias semânticas, e recobre com toda sua variedade cintilante de imagens as outras dimensões, mais abstratas e profundas. Ela dá ao leitor, assim como ao espectador de um quadro ou de um filme, um mundo a ver, a sentir, a experimentar. (BERTAND, 2003, p. 29)

Dessa forma, vê-se tal dimensão como uma recriação da realidade, por meio da construção da ilusão referencial, que introduz o leitor na narrativa, por meio de suas experiências sensoriais suscitadas, pelas escolhas dos elementos linguísticos discursivos.

Destaca-se, no conto em análise, diante dessa compreensão, a figurativização dos atores, do tempo e do espaço, através das observações nos seguintes trechos em destaque:

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme; enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria. (LISPECTOR, 1998, p. 9)

Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres [...]

[...] enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. [...]

[...] a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina louca em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. [...] (LISPECTOR, 1998, p. 9)

Pelo enunciado, percebe-se que a NP evidencia as características físicas negativas da antagonista, contrapondo-as à sua própria beleza, de acordo com certo padrão estético, evidenciando uma crueldade vingativa nessas descrições, e buscando atenuar a desvantagem relacionada à sua condição social. De forma gradativa, a NP pontua termos que revelam uma relação de embate com a antagonista. Observa-se também que a figurativização da NP remete a indícios de uma pessoa invejosa que, diante da cobiça de ter em mãos o objeto de desejo, o livro “As renações de Narizinho”, não poupa juízos de valores depreciativos da possuidora do ob-

jeto desejado.

A respeito dessa figurativização dos atores, ou seja, dos componentes figurativos, considera-se oportuno salientar o que o Greimas afirma em *Da imperfeição*;

Todo parecer é imperfeito: oculta o ser; é a partir dele que se constroem um querer-ser e um dever-ser, o que já é um desvio do sentido. Somente o parecer, enquanto o que pode ser – a possibilidade –, é, visível.

Dito isso, o parecer constitui, apesar de tudo, nossa condição de humana. É ele então manejável, perfectível? E no final das contas, esta veladura de fumaça pode dissipar-se um pouco e entreabrir-se sobre a vida ou a morte – que importa? (GREIMAS, 2002, p. 19)

Com base nessa proposição, pode-se considerar que os elementos figurativos que revestem os atores, percebidos nas análises das estruturas discursivas, corroboram para um parecer de um sentidosentido. Assim, essa enunciativa, busca defini-la pelas diferenças, projetando relações semânticas de significação entre o ser e o não ser.

Muitas vezes, a figurativização dos atores encontra-se como uma retomada de temas. Barros, ao tratar da tematização, explica:

Os temas espalham-se pelo texto e são recobertos pelas figuras. A reiteração dos temas e a recorrência das figuras no discurso denominam-se isotopia. A isotopia assegura, graças à ideia de recorrência, a linha sintagmática do discurso e sua coerência semântica. (BARROS, 2002, p. 67)

Dessa forma, a escolha dos termos no conto ajuda a construir uma isotopia figurativa²⁶⁹ em que alguns vão se alinhar à identidade e outros, à alteridade, não só como oposição semântica, relativa ao nível fundamental, mas também como eixo temático figurativo.

Além desses elementos figurativos que evidenciam e confirmam a oposição semântica, outros elementos corroboram para a construção da figuratividade do tempo e do espaço no conto.

A noção de espaço no conto se dá por meio de ambientes pouco detalhados: a escola, a casa da NP, a casa da filha do dono da livraria, e as ruas de Recife, cidade em que se revela como bastante conhecido pelo ator protagonista do texto. É possível perceber os espaços em passagens

²⁶⁹ *Isotopia figurativa*: caracteriza-se pela redundância de traços figurativos, pela associação de figuras aparentadas e correlacionadas a um tema, o que atribui ao discurso uma imagem organizada da realidade. (BARROS, 1990 p. 83)

como as que se seguem:

Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. [...]

Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez. [...] (LISPECTOR, 1998, p. 9)

Fica evidente nesses excertos que a NP conhecia muito bem algumas ruas de Recife, tão minuciosamente, aliás, nos trajetos que percorria até a escola e, depois da promessa, até a casa da filha do dono da livraria. A experiência do saber é evidenciada por expressões como “andava pulando” ou “não caí nenhuma vez”, ou seja, só quem conhece bem um trajeto ousa percorrê-lo com certa desenvoltura e sem prudência.

Mensurado, muitas vezes, a partir das ações dos personagens, o tempo é um elemento textual que, comumente, é percebido nas narrativas no nível cronológico ou psicológico, porém, o elemento temporal pode ainda ser analisado no nível linguístico, que está diretamente ligado ao discurso e ao momento da fala por seu enunciador.

O tempo cronológico é o tempo dos acontecimentos. Ele corre de forma linear e difere do tempo psicológico ou das experiências, marcado pela subjetividade, observado a partir da “permanente descondição com medidas temporais objetivas. Uma hora pode parecer-nos tão curta quanto um minuto se vivemos intensamente; um minuto pode parecer-nos tão longo quanto uma hora se nos entediávamos” (NUNES, 1995, p. 18), um tempo que os sentimentos de euforia ou disforia parecem não conseguir mensurar.

No conto, o tempo é breve e marcado cronologicamente, ainda que haja nenhuma data específica e que, em alguns momentos, a subjetividade faça-se presente: “os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava [...]” (LISPECTOR, 1998). No entanto, o elemento temporal é observado por meio de elementos que remetem à ideia de algumas semanas:

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados. (LISPECTOR, 1998, p. 9-10)

Se o texto é de caráter narrativo, essa junção de tempo e enunciação se efetua por meio dos atores, na etapa discursiva. Assim, considera-se o tempo linguístico como reconhecidamente o tempo do discurso, concretizado pelo enunciador. As marcas temporais como “ontem”, “de amanhã” presentes no discurso organizam e interligam as coordenadas do tempo linguístico, percebendo-se o tempo de quem enuncia, mas que não é necessariamente o mesmo tempo de quem o recebe pelo enunciado.

As observações relacionadas à figurativização e à tematização dos elementos do último nível do percurso gerativo do sentido ratificam outros sentidos alcançados com base nos exames das estruturas sintáticas e semânticas percebidas nos dois outros níveis do percurso. Assim, consideram-se os diferentes níveis como patamares importantes para construção do sentido do texto.

7. Considerações finais

A semiótica é uma ciência que tem por objeto o texto, buscando descrever e explicar o que o texto diz e como faz para dizer o que diz. Deste modo, analisar o texto por meio de um olhar semiótico é desnudar esse *corpus* discursivo em níveis de análise que extrapolam o próprio objeto textual, estabelecendo conexões outras com experiências sensoriais e de mundo.

O texto literário, em especial, é um rico e privilegiado campo para estudos semióticos. Ele “é de todas as formas do discurso social, a que em nossas culturas fixa, isola e valoriza identidades, tipos e percursos passionais” (BERTRAND, 2003, p. 28-9). Assim, permite não só o aprimoramento intelectual, como também o desenvolvimento da capacidade de reconhecer-se no outro.

A proposta deste estudo buscou desenvolver uma análise preliminar do texto literário sob a ótica dos estudos semióticos e algumas questões do parecer do sentido, considerando os níveis de análise fundamental, narrativo e discursivo. E, nesse último nível, as categorias de pessoa, espaço e tempo, recobertas por temas, evidenciando a oposição semântica entre identidade e alteridade, entre outras questões existencialistas subjetivas, próprias das reflexões de Lispector em suas produções textuais.

Consideram-se que outras análises, mais detalhadas dos conceitos teórico-metodológicos, por meio do percurso gerativo do sentido, possam

ser feitas, ampliando a compreensão do conto “Felicidade clandestina”, unindo teoria e prática, em busca da construção do sentido. Contudo, almeja-se que os estudos apresentados neste artigo sejam um diálogo semiótico frutífero aos estudiosos das linguagens, em virtude das representações estéticas e sensoriais percebidas nesse objeto literário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULETE, Caldas. *Aulete Digital – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*: Dicionário Caldas Aulete, vs on-line, acessado em 10 de outubro de 2019.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1990.

_____. *Teoria do discurso: Fundamentos semióticos*. São Paulo: Ática, 2002.

BENVENISTE, E. (1965). A linguagem e a experiência humana. In: _____. *Problemas de Linguística geral II*. Campinas-SP: Pontes, 1989. p. 68-80

_____. O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas de linguística geral II*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1989. p. 81-90

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: EdUSC, 2003.

FIORIN, José Luís. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2000.

GREIMAS, A. J. *Da imperfeição*. São Paulo: Hacker, 2002.

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. São Paulo: Vozes, 2003.

LISPECTOR, Clarice. Felicidade Clandestina. In: _____. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MARTINS, G. (2017). O último Greimas e o elogio da literatura. In: *Estudos Semióticos*, 13(2), 96-101. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2017.141612>.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009. p. 22-24. <http://trabalhodepassagens.blogspot.com/2010/03/todorov-e-o-meu-amor-pela-literatura.html>.